

## APRESENTAÇÃO

Na Bíblia não encontramos a palavra hebraica *Shekiná*, mas a ideia e seu sentido estão mais do que presentes no texto revelado por Deus. *Shekiná* deriva do verbo *Shakan*, que significa morar, habitar. E é deste verbo que provém outra palavra *Mishkan*, que é a morada, e que a Vulgata traduziu como “Tabernáculo”, lugar da presença e do encontro com o Senhor.

A manifestação do Senhor era vista como a irradiação daquilo que Ele é e esta pousava sobre quem merecia a sua graça, podendo ser a pessoa, a comunidade reunida ou todo o povo de Deus. Possivelmente o termo *Shekiná* tenha surgido com o II Templo (após o exílio na Babilônia), para substituir os termos antropomórficos das manifestações divinas.

*Shekiná* possui vários significados e também é usada em vários sentidos. Ela significa a manifestação da glória de Deus e do seu esplendor. Esta podia ser manifestada através da Nuvem (Ex 13,22; 19,16) no Sinai ou que acompanhava o povo na caminhada, mas também mais tarde como presença no Santuário (1Rs 8,10-13). *Shekiná* é também a morada / habitação de Deus entre seu povo, ainda que haja divergências sobre isso, pois devemos reconhecer que Deus é maior que qualquer obra criada e que nada pode contê-lo: “*mas será verdade que Deus habita nesta terra? Se os céus e os céus dos céus não te podem conter, muito menos esta casa que construí*” (1Rs 8,27). Neste sentido, o Templo é apenas a morada do seu Nome (1Rs 8,16.21) e não morada dele mesmo.

A *Shekiná* pode ser definida também como a *Bat Kol* (filha da Voz), isto é, a voz de Deus que frequentemente se manifestava no meio do povo (Dt 4,12) ou como na sarça ardente onde o Senhor falou a Moisés (Ex 3,1-6). Poderíamos ver a *Shekiná* como a Palavra criadora (Sl 33,6; Pr 8,22-31). Alguns autores definem a *Shekiná* também como a “*Ruah Elohim*” que pairava sobre as águas e que agia no início da criação (Gn 1,2b). No estudo das doze *Sefirot* hebraicas, a *Shekiná* é a mais feminina delas.

A manifestação da *Shekiná* na Bíblia pode ser sinônimo de *kavod*, a “glória de Deus”, que se manifesta e acompanha o povo. A LXX traduz por *doxa*... É a manifestação do esplendor de Deus e da sua bondade e beleza. De fato, *kavod* significa tornar pesado, honrado, rico, glorificado, manifestando grandeza, digno de respeito, engrandecido... Quando a *kavod* se manifesta visa transmitir a autorrevelação de Deus, seu desejo de habitar e estar presente entre os seres humanos e transmitir a ideia do seu mistério, grandeza e esplendor. Isso pode ser constatado por aquilo que Ele faz (cria, liberta, salva, protege, guarda, etc.), mas também para mostrar que esta manifestação de sua grandeza enche toda a terra. Se a manifestação é assim tão grande e gloriosa quanto mais é Ele mesmo, pois nenhuma obra pode contê-lo.

O Novo Testamento, no Evangelho de João, apresenta Jesus como o Verbo (Palavra/Logos) que se encarnou e veio habitar no meio de nós (Jo 1,14). Paulo afirma que a comunidade é novo “lugar” onde mora Deus (1Cor 3,16-17; 6,15-20; cf. Rm 12,1-8).

A *Shekiná* é também expressa de duas formas: presencialidade e presentialidade.

1) *Shekiná* é presença de Deus no meio de nós. Ele vem habitar no meio do seu povo. Já no Antigo Testamento Ele caminha com o povo, visita Abraão (Gn 12,1-3), visita Sara (Gn 21,1), visita o povo na opressão do Egito (Ex 3,7-10; 3,16 e 4,30). Esta *Shekiná* é constante na Bíblia, pois às pessoas que o Senhor chama para a missão Ele diz “*Eu estarei contigo!*” (cf. Gn 21,20.22; 26,24; 28,15; Ex 3,12; Js 1,2; Jz 2,18; 6,12-16; Is 41,10; Jr 1,8.19, etc.).

2) Mas a *Shekiná* é também presentialidade: é um dom, uma graça, uma oferta para nós. É Deus mesmo que se dá como um presente, sem cobrar nada, por pura gratuidade, por amor, porque Deus é Amor. De fato “*Deus amou tanto o mundo que nos deu seu Filho Único para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna*” (Jo 3,16). Deus é presentialidade porque nos ama e porque quer que nos amemos uns aos outros.

Há um dito judaico que diz: “*Onde quer que o povo judeu vá, a Shekiná o segue*”. Ela está onde se encontra aquele “resto” de fiéis piedosos e íntegros que caminham com Deus. De acordo com os antigos Rabinos a *Shekiná* aparece no meio de pelo menos um “*minyan*” (grupo de dez homens necessários para o início da oração e estudo na sinagoga) de adoradores quando eles oram na congregação, e de dois ou mais judeus quando eles se ocupam no estudo da Torá, ou em um homem quando ele recita o *Shemá*. Jesus, por sua vez, afirmou: “*onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles*” (Mt 18,20).

O objetivo do número 101 da Revista é, portanto, refletir sobre a presença de Deus no meio do seu povo na Bíblia e fazer hermenêutica, buscando ver as presenças e manifestações de Deus no mundo de hoje.

*Vicente Artuso* estudou alguns lugares da presença de Deus: a tenda do encontro, a morada associada à arca da aliança e à nuvem que guia o povo. Deus revela sua glória na caminhada do povo onde as pessoas se reúnem, aí Ele faz morada. A experiência religiosa do povo tanto é da gratuidade e misericórdia de Deus, como também do juízo e punição. Neste caso o autor mostra a função judiciária da manifestação da glória em contextos de conflitos contra a liderança de Moisés e Aarão. Seriam estas narrativas do tempo pós-exílico projetadas para o período do deserto com o objetivo de fortalecer a liderança sacerdotal. Por este motivo, a imagem de Deus será forjada ao lado dos líderes punindo exemplarmente os revoltosos, para que ninguém ouse levantar-se contra as autoridades estabelecidas por Deus.

*Angela Romanim de Carvalho* analisa o episódio da sarça ardente, quando Deus vem ao encontro de Moisés. É a partir desta experiência com o Senhor que Moisés assume a sua missão e que se inicia o processo de libertação do povo da escravidão do Egito, para caminhar em direção à Terra Prometida. Esta teofania acontece por meio

de um arbusto simples e pequeno. Refletir sobre este episódio é também um convite para descobrirmos como o Senhor continua se manifestando e transmitindo suas mensagens hoje por meio de fatos e “arbustos” do cotidiano de nossa vida.

No deserto, em meio aos conflitos na condução do povo, Moisés ouviu do Senhor a frase: “*Farei passar diante de ti toda a minha beleza!*” (Ex 33,19). *Ildo Perondi* estuda a frase e seu significado. A beleza é um dos traços mais significativos de Deus e que muitas vezes foi esquecido na história. É a partir da recuperação da beleza divina que podemos construir um mundo novo, mais belo, mais humano e mais divino.

*Luiz Alexandre Solano Rossi* reflete sobre a banalização dos espaços sagrados e a manipulação do divino. Os templos, ao mesmo tempo em que são espaços para a manifestação do sagrado, podem ser manipulados em função do poder. Quando isso acontece, sobretudo se o governante é um manipulador do sistema, como foi o caso do rei Salomão, a própria religião e a política tornam-se cúmplices para a domesticação do divino. Porém, o Deus que se revela na Bíblia é o Senhor que liberta os fracos e empobrecidos. Hoje o mercado manipula o sagrado e produz pobres. É função da Teologia e da Igreja decidir de qual lado colocar-se.

*Flávio Schmitt* nos apresenta Ezequiel que participou do difícil caminho do povo em direção ao exílio da Babilônia. Lá o Profeta assume a vocação e através de visões transporta-se para Jerusalém e vê a glória do Senhor abandonar o Templo. Por causa da desobediência do povo, o Senhor abandona a cidade e o lugar Santo que antes havia protegido. O Templo só pôde ser destruído porque o Senhor se havia retirado do mesmo. Porém, mesmo no estrangeiro, a glória do Senhor não abandona o seu povo. Ezequiel então prepara o povo para o retorno e com isso a glória retornará novamente a Jerusalém, porém não mais limitada a um lugar, mas com aspecto universal, espalhando-se pela superfície da terra.

O artigo de *Thomaz Hughes* é uma reflexão sobre a presença entre nós do Deus Bíblico, que “*se fez carne e armou a sua tenda no meio de nós*” (Jo 1,14). Muitas vezes, talvez condicionados por filmes e vídeos de cunho fundamentalista, limitamos a manifestação da presença de Deus a eventos extraordinários, pois frequentemente equiparamos a “glória de Deus” com a “glória” dos senhores da sociedade. O autor procura aguçar a nossa sensibilidade para reconhecer a presença gloriosa de Deus onde realmente está: no dia-a-dia das nossas vidas, na luta pela justiça e solidariedade, na partilha humilde nas nossas comunidades. É necessário fazer a experiência do autor do Quarto Evangelho e da sua comunidade que professaram que “*contemplamos a sua glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade*” (Jo 1,14b).

*Carlos Jeremias Klein* analisa o texto da Transfiguração de Jesus, do Evangelho de Marcos. Este relato, carregado de símbolos e significados, revela a teofania no Monte quando o Pai por meio da voz vinda da nuvem confirma: “*Este é o meu Filho amado, ouvi-o!*” Este fato está relacionado com as Festas judaicas dos Tabernáculos e de *Sukkot*. A experiência da transfiguração revela, portanto, a chegada do tempo messiânico e escatológico.

*Elenira Cunha* apresenta um estudo sobre uma possível compreensão da *Shekiná* em Paulo. Em seus escritos e, entendendo a pneumatologia paulina, percebemos que o termo sofreu uma mudança de compreensão e o Apóstolo lhe deu um sentido mais original. Houve um deslocamento, a *Shekiná* agora habita o cristão porque o mesmo tornou-se habitação divina, uma vez que a *Shekiná* não paira mais fora, mas dentro do cristão, onde se manifesta como alegria, radiância e glória.

Por fim, *José Adriano Filho* reflete sobre a Nova Jerusalém, esta entidade socio-política que simboliza a nova ordem da realidade e que representa um aspecto da criação de novos céus e nova terra. É a antítese da Babilônia que recebeu o juízo de Deus. O autor faz uma cuidadosa reinterpretação do Antigo Testamento e de textos da tradição judaica para entender o significado dos símbolos utilizados no contexto das tradições em que foram tirados. O Apocalipse de João, ao apresentar a Nova Jerusalém como uma nova ordem da realidade, oferece uma visão de esperança para suas comunidades em meio aos conflitos internos e externos em que viviam.

No momento em que estamos concluindo este número, o mundo está diante de uma das suas piores crises econômicas. O “deus” mercado fracassou. Em seus altares são sacrificadas as vítimas, que são os pobres do mundo que mais uma vez pagarão as contas dos banquetes dos ricos. Um mundo voltado para o lucro fácil, que prescindiu do Deus verdadeiro, provoca o caos na sociedade. Esperamos que no meio desta crise econômica possamos estar diante de novas manifestações do Senhor, novas *Shekinás* que tragam esperança e beleza, sobretudo que irradiem um novo sopro do Espírito sobre as massas escravizadas que continuam elevando seu clamor por justiça e esperando por novos céus e nova terra!

*Ildo Perondi*